



Cavernas da esperança

Para fugir dos nazistas, estas famílias viveram debaixo da terra

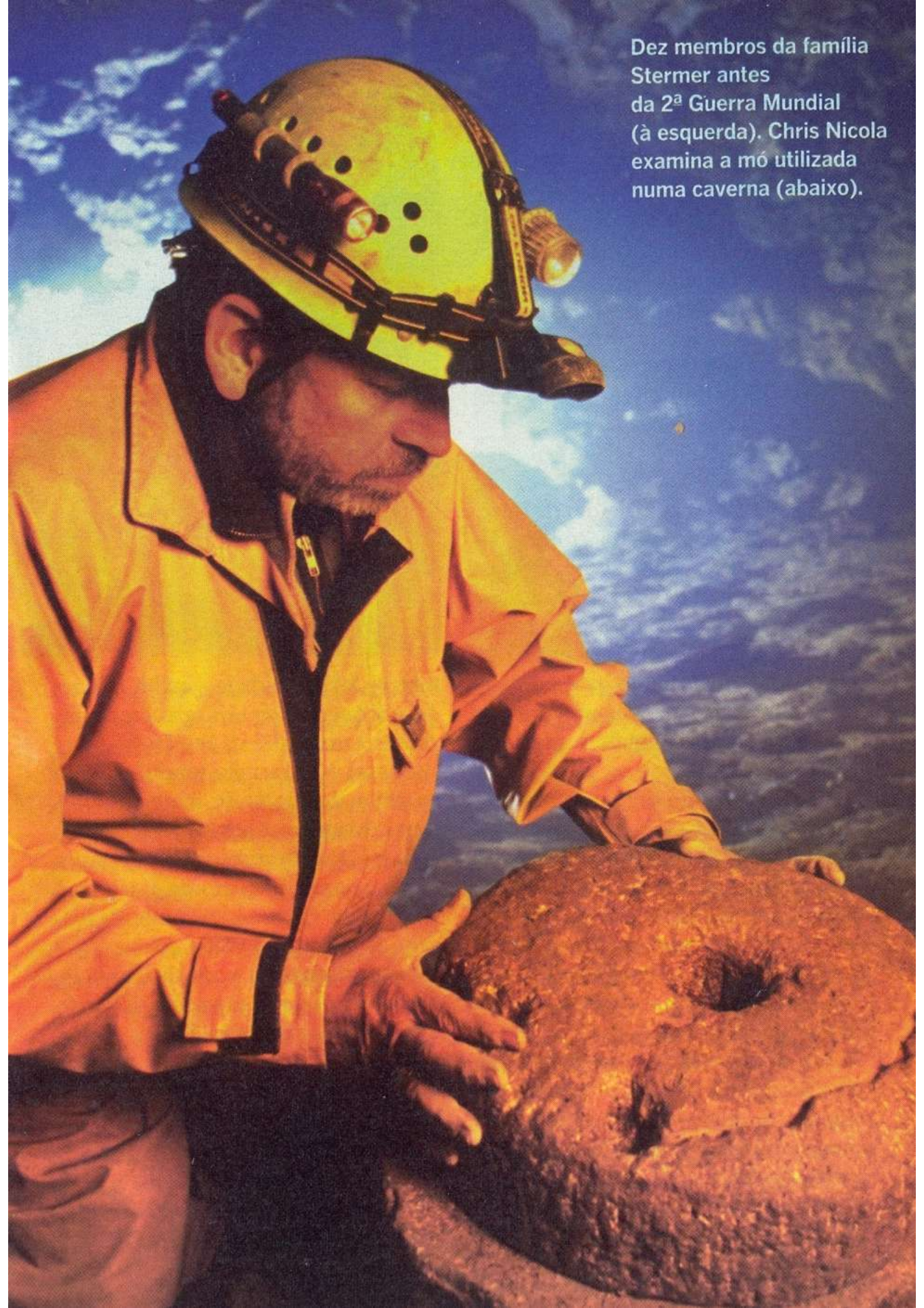
POR PETER LANE TAYLOR

DA NATIONAL GEOGRAPHIC ADVENTURE

EM JULHO DE 2003, o explorador de cavernas americano Chris Nicola e eu estávamos à beira de uma caverna chamada Gruta do Padre, nos intermináveis trigais da Ucrânia. Na superfície, a gruta é apenas uma depressão no solo, coberta por ervas daninhas; mais para baixo, porém, é um labirinto gigantesco, uma caverna cortada pela água em uma camada de gesso, estendendo-se, como rachaduras em um pára-brisa estilhaçado, por mais de 120 quilômetros.

Nicola estivera ali antes e ficara fascinado pela caverna e sua lenda. As histórias locais contavam que um pequeno grupo de famílias judias se escondera dos nazistas nesse lugar, sob a terra fria e escura, durante

Dez membros da família Stermer antes da 2ª Guerra Mundial (à esquerda). Chris Nicola examina a mó utilizada numa caverna (abaixo).



quase um ano. As provas eram aparentes em seu interior, disse-me Nicola. Os exploradores de cavernas modernos precisam de roupas especiais, tecnologia de iluminação avançada e instruções de orientação para sobreviverem abaixo do solo por apenas alguns dias. Como, então, 38 homens, mulheres e crianças sem treinamento algum sobreviveram por tanto tempo em um ambiente tão hostil? Fomos até lá para descobrir exatamente isso.

NA NOITE de 12 de outubro de 1942, Zaida Stermer, sua mulher, Esther, e os seis filhos desenterraram as posses escondidas atrás de sua casa, encheram as carroças com alimentos e combustível e silenciosamente fugiram na escuridão. Com eles viajavam seus parentes, os Dodyks e outros vizinhos da aldeia de Korolówka.

Seu destino era uma caverna perto da casa da família de Esther. Lá, viveram por seis meses, até serem descobertos pela Gestapo – e escaparem por um triz. Pelos dois meses seguintes, mudaram-se de um lugar para outro, escondendo-se em florestas e estábulos, em busca de um refúgio permanente.

Em desespero, o filho mais velho dos Stermers, Nissel, procurou um amigo cristão, Munko Lubudzin, guarda-florestal que vivia no bosque perto de Korolówka, e pediu ajuda. Munko contou a Nissel sobre a Gruta do Padre, uma caverna alguns quilô-



metros fora da cidade – assim chamada porque ficava em terras pertencentes a um padre da região.

Nissel e seu irmão Shulim saíram ao raiar do dia 1º de maio de 1943, junto do amigo Karl Kurtz e de dois dos irmãos Dodyk. Eles correram pelos campos ao norte da cidade até a beira da caverna, de onde desceram usando uma velha corda e depois continuaram com dificuldade, pelos últimos seis metros, utilizando uma escada improvisada. No fundo, a lama e o mau cheiro de animais mortos foi nauseante. Mas eles podiam avistar uma abertura.

Nissel foi o primeiro a se espremer por essa abertura. Dentro, a escuridão era total, mas a fraca luz das velas que levavam mostrou estarem



Nicola observa a entrada da Gruta do Padre (à esquerda). Exploradores na base do acampamento (acima).

em uma pequena área rodeada de pedras. Era apenas a primeira de um labirinto de câmaras.

Uns 25 metros adiante, arrastaram-se para o interior de uma área tão grande que suas velas não conseguiam iluminar todo o ambiente. A rocha curiosamente se curvava para o chão.

Eles puxaram um rolo de corda, amarraram uma das extremidades a uma pedra e começaram a procurar na rede de galerias um lugar adequado para montar um acampamento.

Três horas depois, desorientados e exaustos, Shulim arrastou o pé e deslocou uma pedra, que rolou lateralmente abaixo e caiu em um lago subterrâneo de águas transparentes. Os rapazes tinham encontrado o ma-

nancial de água de que precisavam para sobreviver.

Quatro dias depois, 5 de maio, os Stermers, os Dodyks e vários outros parentes e amigos – 38 no total –, entre os quais Karl Kurtz, empacotaram os suprimentos e fugiram para a gruta. A mais velha do grupo era uma avó de 75 anos; a mais jovem, uma criança aprendendo a andar. Em silêncio, desceram pela abertura, um por um. Para muitos deles, aquela seria a última vez que veriam o céu por quase um ano.

Nossa equipe alcançou o primeiro acampamento subterrâneo a quase 400 metros da entrada. Armamos nossas barracas e nos acomodamos. Mas, após nossa primeira noite embaixo da



Objetos dos refugiados dos nazistas foram encontrados na Gruta do Padre 60 anos depois pelos exploradores de cavernas.

terra, veio-me a sensação de uma realidade em estado de suspensão. Tudo parecia acontecer em câmera lenta. A orientação fora perdida. Nosso itinerário mudou 16 vezes, antes de encontrarmos as salas onde os judeus tinham vivido.

O ALÍVIO INICIAL das famílias logo foi dominado pelo problema de como sobreviveriam. Descobriram uma câmara onde acender o fogo de cozinhar, isolaram suas fontes de água e construíram camas de madeira em outra parte da caverna.

As quatro salas principais onde viviam tinham cerca de 2,5 metros de largura por 25 metros de comprimento e, em cada extremidade, as salas ligavam-se umas às outras por túneis estreitos, da largura de um corpo.

A prioridade seguinte era restabelecer as linhas de fornecimento acima do solo. Possuíam querosene, fa-

rinha de trigo e outras provisões, suficientes para durar apenas duas semanas. Apesar do perigo, três dos irmãos Stermers – Nissel, Shulim e Shlomo – e vários outros jovens saíram da caverna em busca de alimento e outras provisões vitais. Nissel e Shulim correram para o oeste pelos campos, percorrendo os dois quilômetros e meio que separavam a Gruta do Padre da casa de seu amigo Munko, onde os irmãos trocaram alguns objetos de valor que ainda possuíam por óleo de cozinha, sabão, fósforos e farinha de trigo.

Quando voltaram para a caverna, os irmãos Stermers e os outros homens sussurraram uma senha para um dos rapazes mais jovens, que ficara postado na entrada. Ele deslocou uma pedra para deixá-los entrar.

No dia seguinte, exaustos, os homens dormiram, enquanto Esther e as filhas, Henia, Chana e Yetta, pre-

paravam a comida. Ao todo, os homens haviam garantido provisões para seis semanas.

CHRIS NICOLA me levou até a primeira câmara onde as famílias ficaram. O teto tinha manchas de fumaça. Na seguinte, encontramos a mó na qual os Stermers moíam os grãos. Engatnhamos até os aposentos de dormir. Lá estavam sapatos de couro, botões de porcelana, objetos quebrados de cerâmica e uma xícara de metal vermelha. Fotografei cada objeto com um sentimento de reverência.

QUANDO O verão de 1943 chegou, o mundo ainda era assolado pela 2ª Guerra Mundial. A maioria dos guetos da Polônia fora liquidada, e quase todos os judeus haviam sido assassinados ou enviados para os campos de concentração. Durante todo esse tempo, os Stermers e seus vizinhos viveram em um estado de quase hibernação sob os campos da Ucrânia.

Dormiam regularmente durante até 22 horas por dia, deitados lado a lado nas camas de tábuas, levantando-se apenas para comer ou fazer suas necessidades. A umidade naturalmente alta da gruta e o vapor das próprias respirações mantinham molhadas as roupas esfarrapadas. Na temperatura de 10º C da caverna, eles enfrentavam a terrível ameaça da hipotermia.

Durante as horas de vigília, os Stermers trabalhavam para melho-

rar sua habitação, cavando degraus e valas que tornassem mais fácil caminhar. Eles restringiram o uso de velas e lanternas para dois ou três breves períodos por dia.

No início de julho, entretanto, a confiança dos sobreviventes foi quebrada pelo grito de um dos rapazes Dodyk. Todos os homens pularam da cama – e descobriram uma parede de terra e pedras que cobria a entrada da gruta. A uns cinco metros da entrada bloqueada, viram terra caindo por uma fresta entre as pedras.

Durante os três dias e noites seguintes, eles cavaram um túnel para cima, quebrando as pedras que bloqueavam o caminho. No quarto dia, Nissel conseguiu arrancar uma pedra enorme do alto do poço e sentiu o vento entrar. Ele inalou o morno e penetrante aroma de uma tempestade passageira.

Depois souberam que um grupo de aldeões ucranianos tinha fechado a entrada da gruta. Como seu refúgio já não era mais segredo, os judeus, armados com foices e machados, passaram a montar guarda permanente no fundo do poço.

O outono avançava, e as famílias já não podiam mais adiar o reabastecimento de suas provisões para outro longo inverno. As planícies da Ucrânia eram muito prósperas durante setembro e outubro. Mas o risco de serem apanhados acima do solo nunca fora tão grande. A falta de alimentos enfraquecera os homens, e, durante a colheita, os campos próximos ficavam apinhados de fazen-



Os nomes dos judeus que se esconderam dos nazistas foram escritos a carvão no teto da caverna.

deiros e eram percorridos por patrulhas nazistas.

Então, saíam à noite e pegavam as batatas que os fazendeiros largavam pelos campos, juntando o bastante para durar todo o inverno.

No dia 10 de novembro de 1943, os filhos mais velhos da família Stermer procuraram outro amigo cristão, que, como Munko, vendeu a eles combustível e alimentos – mais de 100 quilos de grãos desesperadamente necessários que foram transportados na carroça do amigo até a floresta perto da Gruta do Padre.

Quando chegaram à beira da caverna, Nissel e Shulim escorregaram pela entrada do poço e começaram a arrastar os sacos para dentro. Mas, exatamente nesse momento, a polícia ucraniana chegou e disparou uma rajada de balas na direção da caverna. Os homens se esconderam atrás de umas pedras, em busca de proteção.

Depois daquela rajada, no entanto, o tiroteio parou. Aparentemente, os camponeses locais teriam dito à polícia que os judeus estavam armados e que dispunham de muitas saídas secretas. Os policiais foram embora e nunca mais voltaram.

A NEVE COMEÇOU a cair, apagando as pistas para a caverna. Embaixo da terra, com alimentos e combustível suficientes para mais de dois meses, os homens moveram uma enorme pedra para a frente do poço de entrada e fizeram uma barreira de troncos.

A salvo das balas, as famílias agora enfrentavam outro perigo. Após sete meses abaixo da superfície, a precária alimentação dos judeus – grãos e sopa –, carente de proteínas, cálcio e vitaminas essenciais, tornara-os vulneráveis a doenças como icterícia e escorbuto. Eles definharam para dois terços de seus pesos normais.

Quando o inverno se transformou em primavera, eles se encontraram novamente acima da terra com o amigo Munko, que contou aos rapazes Stermers que à noite ocorriam brilhantes explosões cor de laranja acima das colinas ao leste. Os nazistas estavam batendo em retirada.

Certa manhã, no início de abril, Shlomo achou uma pequena garrafa no fundo do poço de entrada. A mensagem dentro dela dizia simplesmente: “Os alemães já partiram.”

Por mais dez dias, os judeus esperaram até que a confusão acalmasse. Então, em 12 de abril de 1944, esconderam suas ferramentas e suprimentos bem no fundo da caverna e saíram da Gruta do Padre.

Havia nevado forte, e a água escorria pelo poço. Cobertos com lama amarela espessa que gelava os ossos, os judeus subiram pelas paredes íngremes da caverna. Seus rostos estavam pálidos e cansados; suas roupas, esfarrapadas. Mas ficaram cheios de alegria quando sentiram os raios de sol pela primeira vez depois de 344 dias.

O mundo em que reapareceram estava completamente mudado. A aldeia de Korolówka fora devastada. Do meio milhão de judeus que viviam na região em 1941, apenas uns poucos milhares sobreviveram à guerra.

Os Stermers abandonaram a Ucrânia em junho de 1945, mudando-se para um campo de refugiados em Fehrnwald, Alemanha. Em 1947, deixaram a Europa e zarparam para o Canadá e os Estados Unidos.

APÓS SOMENTE três dias na Gruta do Padre, eu não conseguia imaginar como aqueles 38 homens, mulheres e crianças resistiram ao frio, à escuridão e ao vazio que parece ser capaz de deformar mentes. O médico Kenneth Kamler, autor de *Surviving the extremes* (Sobrevivendo a extremos), acredita que a combinação de estresse e privação sensorial que as famílias suportaram é quase sem paralelo. “A experiência deles foi análoga à de vôos espaciais de longa duração.”

Mas eles resistiram, de fato. E agora, 60 anos após tanto martírio, estou, numa luminosa tarde, sentado na sala de estar dos Stermers, em Montreal, enquanto Shulim, 84 anos, Shlomo, 74, Yetta, 78, e uma sobrinha me contam a história aqui narrada.

A batalha deles era constante. Muitas pessoas teriam desistido. Apenas o amor da família, a disciplina rigorosa e a corajosa determinação os fizeram continuar.

“Quando nos reunimos”, diz Shulim, “sei que valeu a pena a luta para sobrevivermos. Tenho mais certeza disso quando olho para meus netos.”

FILOSOFIA FEIJÃO-COM-ARROZ

Sentindo-se sozinho, abandonado, achando que ninguém liga para você? Experimente atrasar um pagamento.

ELLIN DE SOUZA, Recife (PE)